

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

PERFIL DE EUCLIDES DA CUNHA

Euclides da Cunha's profile

Manuel Clístenes de Façanha e Gonçalves

Juiz de direito, titular da Vara da Infância e da Adolescência de Maracanaú (CE) e especialista em Direito Público pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, dedica-se à pesquisa e estudo dos autos dos processos criminais das mortes de Euclides da Cunha e Euclides da Cunha Filho, ocorridas em 1909 e 1916, respectivamente. Dr. Clístenes busca empreender uma análise canônica e estritamente jurídica dos fatos que ficaram conhecidos como *A Tragédia da Piedade*. Em paralelo a esse estudo, prepara um livreto com aspectos biográficos do escritor, para um público-alvo leigo, fruto do garimpo de documentos que realizou durante sua pesquisa de campo.
E-mail: mclistenes@uol.com.br

Material recebido em julho de 2009 e selecionado em julho de 2009

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo traçar características psicossociais da personalidade de Euclides da Cunha, a partir de fatos biografados e trechos da correspondência ativa do escritor, a fim de avaliar a influência desses fatos na condução de sua vida e na composição de sua obra.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Personalidade. Correspondência ativa. Vida e obra.

ABSTRACT

The present paper aims to trace Euclides da Cunha's personal psycho-social characteristics, based on biographic facts and excerpts from his active correspondence in order to evaluate their influence in the author's private life as well as in his composition process.

Keywords: Euclides da Cunha. Personality. Active correspondence. Life and work.

Houve poucas vidas de brasileiros eminentes, que fossem tão abertas à curiosidade pública, como a de Euclides da Cunha e que exercitassem tão vivamente o gosto do sensacional e da discussão, como a do engenheiro, escritor e homem privado que ele também foi. Porque a obra de Euclides não foi menos trágica do que a vida do homem. À sua elaboração ele deu toda a energia de que dispunha, todas as suas reservas de sensibilidade e de inteligência. Daí, talvez, o poder explicar-se muito de seu desajustamento às condições normais da vida, da vida doméstica e da vida profissional, que quase absorvia ou abafava aquela. E também, a instabilidade, as vacilações, as incoerências, a tristeza, o sentimento de desamparo, o seu orgulho silencioso.

(Sylvio Rabello. *Euclides da Cunha*.¹)

Euclides da Cunha deixou uma grande correspondência ativa. Na extensa lista de destinatários, encontram-se parentes e amigos e personalidades da nossa história,

tais como Machado de Assis, Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Afonso Arinos, Oliveira Lima e outros. Os mais cuidadosos guardaram os documentos e, ao longo de muitos anos, pesquisadores foram trazendo-os ao conhecimento público.

Corresponder-se era um *hobby*. Quando não estava redigindo algum ensaio, lendo ou executando suas tarefas profissionais, rotineiramente escrevia cartas.

Embora demonstrasse grande afeto, amizade e companheirismo, elaborar cartas, na maioria das vezes, trazia angústia para o escritor, posto que o obrigavam a mergulhar na realidade da distância daqueles a quem amava. Em muitas oportunidades, Euclides simplesmente interrompia o assunto, ou evitava mencioná-lo, para não agravar a saudade derivada de suas recordações.

A quase totalidade das cartas por ele escritas tinha a marca da pressa: eram elaboradas *em quartos de hora*, sem o tempo necessário para burilar ou excluir um pen-

¹ RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1966. p. 3.

samento, que terminava por fluir livremente da cabeça, revelando, muitas vezes, bem mais do que o remetente talvez desejasse. As cartas refletiam o ânimo e os mais diversos cenários, de onde algum dia esteve. Sob o afluxo de uma emoção qualquer, nas selvas, nas praias ou nos sertões, Euclides escrevia àqueles por quem tinha afeição.

Sempre que se dirigia aos amigos, Euclides se desculpava pela demora na resposta da correspondência que havia recebido e pela forma descuidada com que escrevia. Informava, constantemente, as mesmas causas para o atraso: excesso de trabalho, pressa para concluir alguma tarefa, fadiga emocional ou física, além, é claro, da saúde continuamente comprometida e fragilizada.

Seu tempo nunca era o bastante. Permanentemente, havia alguma obrigação esperando-o em sua escrivaninha: a pátria precisava dele. Euclides, como ser humano, ficava em segundo plano e não se dava ao direito de aproveitar corriqueiros prazeres do homem comum. O lado pragmático sempre prevalecia. E, assim, ele se comunicava: precipitadamente, em curtos intervalos, no lombo de um cavalo, em barcos, às margens de um rio, ou à sombra de uma árvore. Apesar disto, o conjunto das mensagens forma uma obra direta e intensa, qualificada não pelo refinamento, mas, sim, pela espontaneidade e franqueza. Vistas com cuidado, as cartas revelam fotografias de sua alma.

À medida que as missivas são lidas, sobrevém a estranha sensação de conhecer alguém que morreu há cem anos. Aos poucos, vão emer-

gindo todos os papéis que Euclides desempenhou em sua vida: o marido, o pai, o filho, o amigo e o profissional. O que se vê é o homem. Um homem em toda a sua complexidade de sentimentos, com suas inúmeras virtudes e acertos, mas também com suas deficiências e erros. Embora presente, o escritor está em segundo plano, camuflado nos períodos simples e desprovidos de ornamentos linguísticos.

No trato familiar, sobressai o tipo angustiado, que não conseguia adequar as carências de sua mulher e de seus filhos com os deveres da profissão que exercia ou as missões de que aceitava participar: foi uma relação marcada pela ausência. Apesar de causar-lhe uma terrível sensação de culpa, por diversas vezes ausentou-se de casa por dias ou meses e, naquela viagem que selaria a sua ruína sentimental e, em última análise, a sua própria morte, afastou-se por um ano.

Muito embora a alma humana guarde segredos impenetráveis,

algumas pistas podem ser encontradas, examinando-se um pouco do que foi a sofrida existência do escritor. Ao tentar-se decifrar as causas para seu comportamento, esbarra-se em uma série de dramas que o acompanharam desde a mais tenra idade.

Euclides nunca teve uma base familiar sólida. Na sua conturbada infância, ao perder a mãe, com apenas três anos de idade, foi abandonado pelo pai que, após a viuvez, optou por entregar os filhos a familiares e ganhou o mundo. Começaria uma peregrinação em casas de parentes que prosseguiu até a fase adulta.

Manuel da Cunha nunca assumiu seu papel de pai. Para Euclides, o modelo masculino de chefe de família não passou de uma figura gélida, ausente e egoísta, cuja preocupação gravitava em torno da própria vida. Durante quase toda a sua formação infanto-juvenil, ele foi obrigado pelas circunstâncias a enxergar a figura paterna

Seu tempo nunca era o bastante.

Permanentemente, havia alguma obrigação esperando-o em sua escrivaninha: a pátria precisava dele. Euclides, como ser humano, ficava em segundo plano e não se dava ao direito de aproveitar corriqueiros prazeres do homem comum. O lado pragmático sempre prevalecia.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

como um homem sem mulher, distante de seus filhos e em busca de resolver seus problemas pessoais. Sem dúvida, esse fato exerceu forte influência no modo como ele mesmo conduziu sua família. Enquanto esposo e pai, seu caráter refletiria as mazelas sofridas na infância e na adolescência.

Por outro lado, o papel de *mãe*, se é que assim se pode chamar, foi executado por algumas mulheres: uma tia solteira, que morreu um ano depois de tê-lo sob seus cuidados; outra tia, que era casada e tinha filhos, não podendo dedicar a devida atenção que uma criança exige; a avó, que ficou apenas um ano com ele. Como a imagem paternal, a personagem materna não passou de um vulto vago, passageiro, indiferente e distante.

O menino era uma bola de *ping-pong* ao sabor da próxima raquetada dos parentes. Em um espaço de 15 anos, ou seja, dos 3 aos 18 anos de idade, Euclides morou intercaladamente em quatro cidades², alterando de unidade familiar por seis vezes e passando por, no mínimo, seis colégios distintos. À medida que surgiam obstáculos, os responsáveis eram simplesmente substituídos, numa danosa sucessão que perdurou durante toda a formação da criança e do jovem Euclides. Mal havia tempo de adaptar-se aos novos protetores. Para Euclides, amar, apegar-se a alguém, representava apenas e tão somente sofrer as dores das constantes despedidas que era obrigado a enfrentar.

Euclides nunca sentiu a plenitude de ser filho. Na importante

Euclides nunca sentiu a plenitude de ser filho.

Na importante etapa compreendida entre a infância e a juventude, quando se é o centro das atenções e cuidados em uma casa, ele exerceu um papel secundário, desprovido de carinho e de vontade própria.

etapa compreendida entre a infância e a juventude, quando se é o centro das atenções e cuidados em uma casa, ele exerceu um papel secundário, desprovido de carinho e de vontade própria. Durante esse crucial período de sua formação, não pôde sedimentar laços de parentesco e socioafetivos. Quando adulto, o escritor refletira o comportamento errante e desapegado de seu pai. Este fator seria determinante para sua infelicidade conjugal e a tragédia da qual foi a primeira das vítimas.

Euclides não tolerava permanecer por muito tempo em uma mesma cidade. Autodefinia-se como o *nômade*, que constante-

mente levantava sua *tenda árabe*. Passava boa parte do tempo sonhando com terras distantes, onde pudesse aprender algo útil, crescer intelectualmente ou simplesmente contemplar a natureza, ver coisas belas, observar os seres e entrar em contato com o homem do mato. Este foi o seu principal laboratório, onde realizou suas experiências mais eficazes e produziu as obras que o eternizaram.

Porém, para não se fazer um dimensionamento errôneo e fora do contexto de época, convém salientar que, no passado, os homens eram bem mais afastados das atividades familiares do que são hoje. Os patriarcas geralmente mantinham um ar de distanciamento da esposa e dos filhos. A eles competia trabalhar e ganhar o sustento para prover o lar. A criação e educação das crianças era tarefa das matriarcas e suas criadas, assim como o restante das funções predominantemente domésticas. As mulheres não executavam trabalhos externos e, sequer, tinham o direito de votar.

No universo masculino do início do século XX, embora não fosse uma regra, Euclides estava bem longe de ser considerado uma exceção. Seu comportamento era o de um desbravador. Nos dias atuais, ainda temos indivíduos que vivem à moda euclidiana. Tipos aventureiros como Amir Klink, Júlio Fiadi, Lars Grael e muitos outros que vagueiam mundo a fora, em defesa de ideais e na busca da realização de seus sonhos. Mas, afinal, como seria o mundo sem a marca desses homens? No

² Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro e Salvador.

caso do autor de *Os sertões*, seria pouquíssimo provável que o gênio brotasse em circunstâncias diferentes, já que a maior parte de sua obra era caracterizada na essência pelo isolamento em territórios remotos. Nessa hipótese, Euclides jamais viria a ser Euclides da Cunha.

A falta de uma estrutura familiar estável no seu passado influenciou, ainda, para outra faceta do seu caráter: a misantropia. O escritor sempre demonstrou dificuldade de adaptar-se à vida das grandes cidades. Era pouco comunicativo e algumas vezes sombrio, intensificando as mágoas e tristezas. Raramente participava dos eventos sociais. Essas atividades eram negligenciadas. No decorrer de sua tumultuada vida, praticou alguns comportamentos julgados inadequados ou inconvenientes, que ocasionaram prejuízos de ordem familiar e social. Na realidade, ele sempre viveu sem calcular o peso de suas ousadas palavras e atitudes. Resultado: sem se aperceber, ofendeu muita gente. Os afastamentos dos pseudoamigos, que sumiam de sua vida sem dar qualquer explicação, causavam-lhe incompreensão e desalento. Transformou-se num colecionador de decepções e, quando não resolvia por sua própria conta afastar-se de determinada pessoa, era esta quem tomava a iniciativa de desaparecer de sua convivência. À medida que foi amadurecendo, seu retraimento só fez crescer. Pouquíssimas amizades foram preservadas. Na verdade, quase ninguém o conseguiu entender. O intelectual sempre esteve muito além do seu tempo e de seu lugar.

Euclides defendia com afinco suas ideias e isto desagradou a várias pessoas. Um dos principais traços que definem a literatura de Euclides da Cunha é a crítica aberta a tudo aquilo que ele julgava equivocado ou abusivo. Em muitas ocasiões, suas denúncias ultrapassaram as raias da prudência e do senso comum. Incompreendido em alguns momentos e compreendido até demais em outros, ele sofreu inúmeros prejuízos por suas opiniões. Porém, apesar das pancadas que foi colecionando ao longo de sua vida, nunca deixou de escrever de forma sincera e mostrar-se através de seus textos. Quem lê Euclides tem a rara oportunidade de enxergar o homem que está por trás das letras.

Dotado de um estilo singular, que o diferencia sobremaneira dos demais escritores, Euclides não se apercebeu de que suas críticas ide-

ológicas, em grande parte, eram encaradas como ataques pessoais. Ao mesmo tempo e na mesma proporção em que se tornava conhecido e admirado por muitos, angariava inimigos que não sabiam diferenciar os julgamentos conceituais de ofensas de caráter individual.

Alguns o ignoravam, outros partiam para atacá-lo. Diversas portas fecharam-se, porém, muitas vezes ele não alcançava a razão. Euclides tardava para notar-se perseguido por alguém e, desta forma, era alvo fácil para quem queria prejudicá-lo. Mas, nos últimos anos de vida, as bordoadas que sofreu transformaram-no em um tipo desconfiado e com mania de perseguição.

Apesar disso, Euclides era demasiado humano. Acima de tudo, acreditava nos homens. Essa crença ilimitada, que carregou até o úl-

Dotado de um estilo singular, que o diferencia sobremaneira dos demais escritores, Euclides não se apercebeu de que suas críticas ideológicas, em grande parte, eram encaradas como ataques pessoais. Ao mesmo tempo e na mesma proporção em que se tornava conhecido e admirado por muitos, angariava inimigos que não sabiam diferenciar os julgamentos conceituais, de ofensas de caráter individual.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

timo dia de sua vida, assumia ares de ingenuidade e terminou por redundar nas várias traições que sofreu e nas desilusões que experimentou.

O escritor nunca gozou de saúde completa. Desde a infância, adquiriu uma pneumonia persistente que o acompanhou até o fim de sua vida. Durante as crises, permanecia por vários dias acamado. Além disso, sempre se queixou de *neuralgias*. A situação agravou-se quando, em 1906, retornou do Acre com as sequelas de uma malária contraída nas inóspitas terras amazônicas.

Suas emoções eram vigorosas e profundas. Euclides não era homem de meios termos: para ele *ou era oito ou oitenta, ou tudo ou nada*. Seus comportamentos eram notadamente marcados pelo excesso. Ele agia como uma espécie de montanha russa que acelerava descontroladamente para as alturas, mas descia sem freios, realizando curvas difíceis e *loopings* sucessivos, numa viagem de intensidade única. Porém, ao final de cada percurso, o trem e os trilhos estavam desgastados de tal forma, que seria impossível uma segunda volta. Na verdade, nunca soube dosar até onde poderia ir, sem exaurir completamente todas suas forças e comprometer a sua saúde. A vida inteira arcou com sérias consequências, sendo permanentemente invadido pela fadiga e sensação de perda total de energia. Quando atingia o fundo do poço, até mesmo as tarefas mais leves pareciam de extrema complexidade e poderiam levar dias, custando-lhe grandes esforços.

Assim, momentos de alta produtividade profissional eram en-

tremeados com períodos nulificados, onde só restavam ansiedade, o desânimo e a penumbra de um quarto fechado. Não foram à toa as inúmeras licenças para tratamento de saúde, ao longo de sua vida. Algumas se deveram à pneumonia, mas a maioria delas se justificou pelo esgotamento físico e mental, decorrente do regime de esforço desmedido ao qual ele sempre estava submetido. Nesses períodos, o abatimento era tão grande que Euclides suspendia até mesmo os hábitos que lhe davam prazer, como estudar ou escrever aos amigos, mal conseguia comer e passava dias e dias deitado, sem coragem sequer para levantar-se.

Nele, as alterações de ânimo foram uma constante. Estados de intensa satisfação evoluíam, rapidamente, para episódios fortemente depressivos. Para se ter uma ideia do nível de alternância comportamental que caracterizava a personalidade do escritor, algumas de suas cartas são iniciadas por um homem contente e sonhador, com um caminho florido e sem obstáculos a percorrer, e concluídas por uma figura lúgubre e sombria, que não conseguia enxergar nada de positivo no horizonte de sua percepção.

A maior parte de seu tempo, porém, era dominada pelo tipo triste e desesperançoso, cuja capacidade de alegrar-se, embora fosse ilimitada, era de extrema efemeridade. Para ele, a felicidade eram migalhas apetitosas que saboreava em raras ocasiões.

Nessas circunstâncias, tudo que o cercava perdia rapidamente o encanto e lhe parecia fútil,

sem importância, vazio. Assim, na quase totalidade de seu tempo, sentia-se inútil e ansiava por uma mudança repentina, a fim de fazer algo efetivamente de valor. Mas, ao mudar de atividade, o ciclo repetia-se: do êxtase ao desalento; dos trabalhos gratificantes para as *terríveis e desprezíveis obrigações*.

Em várias fases de sua vida, Euclides mostrou dificuldade de tomar decisões. Dessa maneira, embora certa coisa lhe causasse um grande incômodo, o ato de livrar-se, para alcançar a solução

Em várias fases de sua vida, Euclides mostrou dificuldade de tomar decisões.

Dessa maneira, embora certa coisa lhe causasse um grande incômodo, o ato de livrar-se, para alcançar a solução era algo de extrema complexidade.

Essa característica foi especialmente marcante em seu lado profissional.

Era irritadiço, aborrecia-se com facilidade e, quando atingia determinados limites, tomava decisões drásticas e imprevisíveis. Foi dessa forma que agiu no episódio do florete na Escola Militar; no momento em que subitamente pediu demissão do cargo de engenheiro sem ter qualquer perspectiva de trabalho à vista; e, por fim, no dia em que saiu de casa pela última vez para duelar com Dilermando de Assis.

era algo de extrema complexidade. Essa característica foi especialmente marcante em seu lado profissional.

Euclides foi militar, engenheiro, jornalista, comissionado do Ministério das Relações Exteriores e professor. Em todas as atividades que exerceu, uma constante: baixa persistência. O entusiasmo com a nova atribuição era fugaz. Às vezes, não durava mais que alguns dias. Porém, o ato de mudar de rumo não era uma operação simples. Envolveria um processo de angústia, caracterizada pelo medo de um futuro desamparado. Mesmo assim, desistiu de todas as funções que exerceu, uma após outra, ex-

ceto as duas últimas em que atuava, quando foi morto. Saliente-se que, em relação a estas, Euclides já demonstrava claros sinais de fadiga e desestímulo dos trabalhos que executava no Ministério das Relações Exteriores e, quanto aos poucos dias de magistério no Ginásio Nacional, é de se recordar que ele já havia abdicado, anteriormente, de experiência semelhante³. Provavelmente, seria apenas uma questão de tempo enfatiar-se delas e trocá-las por algo que lhe desse o combustível da novidade, afinal, ele não suportava nada do que fazia por muito tempo e sempre se autodenominou como o *destruidor de carreiras*.

Era irritadiço, aborrecia-se com facilidade e, quando atingia determinados limites, tomava decisões drásticas e imprevisíveis. Foi dessa forma que agiu no episódio do florete na Escola Militar; no momento em que subitamente pediu demissão do cargo de engenheiro sem ter qualquer perspectiva de trabalho à vista; e, por fim, no dia em que saiu de casa pela última vez para duelar com Dilermando de Assis.

Por fim, a última de suas características: ser péssimo homem de negócios. Euclides exerceu várias profissões bem remuneradas. Além disto, a partir do começo da década de 1890, passou a ganhar dinheiro com seus escritos, tanto pela colaboração em alguns jornais, como pelos livros que publicou, especialmente *Os sertões*. Por outro lado, seu modo de vida foi espartano e simplório: nunca teve casa própria, nem gozou de conforto ou luxo. Desta forma, seus ganhos eram razoáveis e os gastos aparentemente comedidos. Porém, ao abrir-se o inventário, constatou-se que ele morreu pobre. A maioria dos bens era inexpressiva. Apenas dois sobressaíam: um terreno em São Paulo e uma conta bancária, com a soma de doze contos de réis, valor equivalente a três meses de salário, da época em que exercia a chefia da comissão do Alto Purus.

³ Ocasão em que foi professor na Escola Militar, no início da década de 1890.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *Literatura Brasileira*. São Paulo: CULTRIX, 1994.

_____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). v. 1. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1966.

_____. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1966.

_____. Os sertões. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, v. 1.

FREIRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Osvaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

GAMA, Domício da. Euclides da Cunha. *Revista do Grêmio Literário Euclides da Cunha*. 15 ago de 1925.

GARCIA, Marcia *Japor de Oliveira*; FURSTENAU, Vera (Org.). *Acervo de Euclides da Cunha na Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: UNICAMP/Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, 1995.

LIMA, Oliveira. Recordações de Euclides. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*. Ago, 1915.

PONTES, Elói. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1938.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

REVISTA DO GRÊMIO LITERÁRIO EUCLIDES DA CUNHA. *Araripe Júnior, Tristão de Alencar* – Dois Vulcões Extintos. 15 ago de 1922.

RODRIGUES, Antônio da Gama. *Euclides da Cunha: engenheiro de obras públicas*. São Paulo: Indústria Gráfica José Ortiz Júnior, 1956.

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1992.

TOSTES, Joel Bicalho; BRANDÃO, Adelino. *Águas de amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.

VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. Mário César Carvalho Santana e José Carlos Barreto de Santana(Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1938.

_____. *A glória de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.